

A comunicação do Papa Francisco

Mozahir Salomão

"Como podemos comemorar melhor o Ano da Fé em nossa vida diária?. Conversando com Jesus em uma oração, escutando o que ele tem a dizer no Evangelho e procurando por ele nos que precisam."

Esta é uma mensagem inaugural postada no twitter pelo papa. Mas pelo Papa Bento XVI em 12 de dezembro de 2012. Exatamente dois meses antes de renunciar ao mais alto posto da Igreja católica.

Não creio que seja exagero dizer que a Igreja Católica, mesmo que um pouco atrasada, começou a entender melhor que a comunicação – o fazer comunicativo - no mundo abandonou o modelo prevalentemente informativo, transmissivo, unidirecional para um modelo relacional e interativo.

Porque volto a este momento de Bento XVI? Porque nele o papa e o Vaticano inauguravam sua conta no twitter.

As redes sociais, inseridas que estão na lógica das mídias sociais, são lugar na atualidade de presença obrigatória. Não podemos esquecer: cada vez fazemos mais presentes nos ambientes interativos, com reais prejuízos/abandonos dos ambientes físicos e dos relacionamentos presenciais.

Mas não sejamos apocalípticos. Os ambientes digitais e suas diversificadas plataformas articulam-se como potentes possibilidades de comunicação e de interação.

Interação. Esta é a palavra talvez mais importante da atualidade. Se o século XX foi o século da informação (Gabriel Tarde escreveu Opinião Pública na abertura dos anos 1900), o século XXI se mostra desde já o século da interação e da interatividade.

Da compreensão de que a midiatização se tornou nosso processo interacional de referência. Não é a toa que hoje talvez mais estejamos preocupados em registrar do que experimentar, do que viver os momentos. Fotos e fotos, vídeos e vídeos... selfies e selfies... Se não registramos, parece não termos vivido.

Mas é mais do que o registro. É o compartilhamento... Visibilizar o que festejamos, o que extravasamos, nossos momentos mais pueris, nossas angústias mais profundas.

E o que tudo isso tem a ver com a comunicação do Papa Francisco? Tudo, com certeza.

É neste contexto, nesse mundo novo, nessa terra de todos e de ninguém que é a internet, que circulam hoje quantidades imensuráveis de conteúdos. Informações imprescindíveis, outras irrelevantes, algumas inverídicas, absurdas...

Pela web, falamos todos, o tempo todo e falamos sobre tudo. Essa horizontalização enunciativa criou, claro, novas circunstâncias, novas dinâmicas, novas lógicas... Colocou em xeque a comunicação midiática massiva e principalmente a legitimidade exclusiva que os media tradicionais como jornais, rádios e tevês possuíam até pouco tempo de informar. O acontecimento jornalístico, muitas vezes, é midiaticizado pelas redes sociais bem antes do que pela imprensa. O furo do jornalismo restringe-se cada vez mais.

Já há um bom tempo empresas, governos e organismos sociais vêm buscando compreender como estar de modo controlado, positivo (no sentido de estar bem) e eficiente na web, onde os processos são de controle muito difícil.

O que a web oferece de oportunidades, oferece de riscos. Fazer-se presente nela é expor-se. Mas diria que hoje se tornou impossível não estar presente na rede.

Os media tradicionais cedo perceberam isso e logo se fizeram presentes também na internet. Jornais de papel dificilmente, como estimam as próprias associações internacionais de jornais, sobreviverão após a próxima década de 30. Mas o jornalismo é imprescindível e o jeito é reinventá-lo desde já.

Esse preâmbulo é para dizer: o Papa Francisco tem sido uma personagem de grande interesse empático por parte da grande imprensa. E por parte das mídias e redes sociais digitais.

Gostaria muito de ter feito, para esta conversa, uma análise mais apurada, quantificada e valorativa sobre a presença do Papa Francisco na mídia, em especial nos ambientes jornalísticos, que é o que estudo mais detidamente,

Mas com segurança é possível afirmar: o Papa Francisco sabe e sabe muito bem fazer-se presente nas mídias. E, pelo que se vê, por ter adotado como estilo pessoal a espontaneidade da abertura e do acolhimento.

Meio e mensagem, materialização da conexão do católico com Deus, o Papa essencialmente opta por ser visto, por um lado, como homem de limites e de fraquezas tão próprias do ser humano, mas por outro consciente do seu papel de fazer avançar uma igreja marcada por tantos séculos de contradições, conflitos e complexidades que, na contemporaneidade, parecem se reconfigurar e, ao mesmo tempo, se agudizar.

O papa fala sobre a intolerância racial e étnica, repudia qualquer tipo de violência, toca em representações e imaginários da fé católica sobre os quais a Igreja até então pouco ou nada se manifestava, quer fazer avançarem inclusões – de toda natureza, de todo gênero, de toda espécie. Vê no sofrimento dos pobres, dos que penam nas mazelas da guerra e dos refugiados o martírio contemporâneo. Cabe lembrar: ao falar dos outros, o Papa fala e produz imagens sobre si próprio

Mas Francisco também quer ser o Papa da alegria, do lúdico, do riso maroto, do apreço pelo futebol, do pontífice que se derrete diante do pequeno bebê...

parece querer dar a mão a todos, quer tocar os fiéis, no gesto que quer significar que todos importam...

Se Francisco faz questão de tocar os que lhe acenam e se aproximam, é na internet e na grande imprensa que o Papa quer ser ainda mais real, mais tocante. Convivem nas redes sociais centenas de fanpages e páginas curtidas e alimentadas por dezenas de milhões de fiéis em todo o mundo.

Também chama a atenção como o Papa tem se valido das plataformas e dispositivos digitais para fazer uma meta-comunicação. É um tipo de mensagem reiterada nos perfis dedicados a ele ou associados a ele a preocupação com a comunicação como ação humana e cristã.

Mais recentemente em seus perfis nas redes digitais pudemos observar posts como:

Amor é por natureza comunicação.

A internet pode nos ajudar a sermos melhores cidadãos.

“Conecte-se com Cristo” – convida outro post.

E ênfase na perspectiva relacional: “Podemos estar abertos a encontros face-a-face que nos desafiam”.

Francisco é um papa que considera sobremaneira a importância da comunicação. Por si só, realiza-se como um meta-acontecimento, como definiu o pesquisador português Adriano Rodrigues. É o discurso feito ação e a ação feito discurso. Mas não apenas por ser quem é. Mas por ser quem é do modo como é.

Assim como chama a atenção sua capacidade de agendamento temático. E o *timing* correto para fazê-lo. Sua preocupação com os acordos internacionais ambientais, o conflito no Oriente, as tragédias das migrações, a guinada conservadora na América Latina, os males que afligem os enfermos de todo o mundo.

É um valor-notícia, como dizemos na teoria do jornalismo, impositivo. Universal. Seu sorriso para o guarda sisudo que o protege ou sua cara de tédio para o presidente Donald Trump são garantidamente notícia. Parece que toda e qualquer aparição vale no mínimo uma nota nos jornais da maior parte do ocidente.

Mas aqui é preciso não desconsiderarmos um viés importante nesta reflexão. Tentando aprofundar o pensamento em termos da comunicação do Papa e a mídia, recorro aqui a Louis Quéré, que nos chama atenção para a noção de que o acontecimento tem uma dupla vida. A primeira é a vida de sua ocorrência, em sociedade, nos termos em que se dá, ou seja, as circunstâncias que o engendram e o retroalimentam. A outra vida é a vida narrativa, nos discursos que o materializam – as textualidades midiáticas.

É oportuno dizer que no tremendamente complexo jogo midiático “real x narrativa” muito se perde, muito se recorta, muito se aumenta, e muito se altera. Na grande mídia nem sempre as narrativas mobilizadas pelo Papa ganham muitas vezes a abordagem e o aprofundamento que o Papa Francisco gostaria. Nem sempre também os acontecimentos nos quais o Papa e a Igreja de Roma se inserem ganham e ganharão, no entendimento de muitos, as versões mais críveis e próximas do real. As mais corretas e justas. E, claro, sempre a questão das abordagens e das escolhas que a imprensa faz para seus enquadramentos.

Qual é de fato a intensidade e a força da oposição ao Papa no Vaticano? O Papa de muitos gestos e opiniões já não deveria produzir mais fatos concretos? Para aonde o Papa conduz hoje a Igreja?

Perguntas que orbitam e tensionam a imagem do Papa e todos os discursos que Francisco faz circular. E discursos outros que no ecossistema midiático conformam a imagem do sumo pontífice.

A mídia é feita de tentativas, de acertos, alguns bons serviços ao público , mas também de versões, de especulações, de desacertos, graves falhas éticas. É recheada de opiniões, de memórias, mas também de esquecimentos e de silenciamentos.

Um exponencial volume de conteúdos com o qual, a partir de nossas possibilidades culturais, intelectuais, ideológicas, morais negociamos o tempo todo.

Afinal é lá na ponta, no destinatário, no leitor, no usuário, no internauta que o sentido verdadeiramente se produz.

Antes disso, existem apenas intenções.

Muito obrigado.